

Sociabilidade e memória no (re)encontro de todos os anos: “Baile do Carmo” expressão cultural negra em Araraquara-SP

Valquíria Pereira Tenório

Mestranda em Sociologia FCL/Unesp

O estudo do “Baile do Carmo” surgiu devido a nossa preocupação em procurar a presença do negro em Araraquara, cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo, Brasil.

Não havendo indícios dessa presença na história oficial da cidade ou registros de suas formas de articulação ou organização nos detivemos na reconstrução de uma expressão cultural de segmentos da comunidade negra que tem na dança, na música orquestrada, na elegância obrigatória para homens e mulheres que desejam participar do evento uma forma de organização com finalidade, numa observação menos atenta, apenas recreativa desses segmentos em Araraquara, mas que traz na necessidade de sua criação toda uma série de

impossibilidades explícitas e implícitas, discriminações e preconceitos sofridos por muitas negras e negros na cidade.

Essa reconstrução diante da ausência de documentação escrita produzida pela cidade ou pelos organizadores do evento precisou ser realizada por meio do vasculhar das memórias de seus antigos participantes, os quais compartilharam conosco um pouco de suas lembranças acerca de seus encontros, suas emoções, seus saberes sobre a origem desse evento. Desse modo, a utilização da história oral nos permitiu recolher os depoimentos orais e dialogando com a sociologia no que diz respeito às representações que os participantes fazem acerca do “Baile do Carmo” e com a antropologia por meio da interpretação de suas interpretações.

O “Baile do Carmo” tem nos permitido captar a existência de uma solidariedade e uma identidade étnica-racial entre os segmentos negros de Araraquara de forma peculiar já que o evento é por nós considerado uma forma de expressão cultural urbana negra que não se afirma na ligação às antigas tradições africanas nem pode ser interpretado à luz dos estudos clássicos das relações étnico-raciais no Brasil.

O “Baile do Carmo” trata-se de um baile de “gala” com música orquestrada, muita elegância nos trajes e muitas décadas de existência. O atual organizador diz que o evento possui mais de cem anos de existência. Podemos afirmar que ele tem se realizado há pelo menos 70 anos ininterruptamente segundo nossos entrevistados. O “Baile do Carmo” carrega o peso da manutenção de uma tradição, qual seja: a reunião de negros com a finalidade não apenas de dançar, mas de (re)encontrar os amigos, os parentes, os conhecidos, os desafetos, os amores e as saudades.

A sociabilidade dá o tom desse (re)encontro, pois mesmo os que não sabem dançar querem participar do evento. O “Baile do Carmo” tem uma particularidade: a criação de um espaço em que o negro pode estar com os seus, com a “sua gente” como nos diz um entrevistado. E, mais do que isso, conquistando e adentrando espaços normalmente negados a ele, já que tivemos períodos em que negros não podiam frequentar diversos espaços em Araraquara, principalmente, os que dizem respeito ao lazer, tais como os clubes recreativos.

Dessa forma, da necessidade do (re)encontro dos negros, surgiram vários bailes e algumas associações recreativas negras impulsionadas pelo desenvolvimento propiciado pela ferrovia que possibilitou a ascensão econômica de vários negros no papel de

ferroviários, porém o “Baile do Carmo” era e ainda é um dos eventos mais aguardados do ano, que conseguia trazer os negros que migraram para outras cidades à procura de melhores oportunidades de volta a sua cidade natal, em um momento de confraternização e rememoração. Além de ser a oportunidade ideal para a apresentação social de muitos jovens e para a construção de um espaço-tempo de sociabilidade negra em Araraquara.